

Caixa Postal 14576 . CEP: 22410-971 . Rio de Janeiro . RJ . emece1924@yahoo.com.br . <http://marquesdacosta.wordpress.com>

sem sucesso, certa tranquilidade social. Em conformidade com os fatos, Bernardes iria criar também uma delegacia específica para o combate aos opositores do regime, a Quarta Delegacia Auxiliar. Prendendo operários e sindicalistas anarquistas sob as mais diversas acusações, as autoridades acreditavam impedir as convulsões sociais cada vez mais ameaçadoras. Tais temores, entretanto, se concretizariam no dia 5 de julho de 1924 com um levante “tenentista”,

famílias assentadas, passaria a um regime misto, comportando estas e os prisioneiros recém-chegados.

Segundo o relato de operários deportados, nos primeiros dias da chegada ao campo, um dos prisioneiros de nome Adelino havia se queixado ao administrador contra as injustiças de que eram vítimas velhos e jovens. O diretor confiara ao prisioneiro “Coronel Bahia” a disciplina dos internos e, como tais violências partiam justamente do responsável pela vigilância, muito pouco se fez para que fossem minorados os atos de truculência. Tanto os protestos coletivos dos desterrados, como qualquer reação às agressões recebidas, eram punidas severamente. O hospital da Clevelândia, o *Simão Lopes*, em pouco tempo havia se transformado em um necrotério, para onde os presos moribundos recusavam-se a ir. Aqueles que fugiam do trabalho forçado eram remetidos a uma “choça coberta de zinco”, cujas temperaturas eram insuportáveis.

Os sindicalistas anarquistas, entre os quais Domingos Passos, o “Bakunin brasileiro”, tiveram destacado papel dentro da colônia. Eles não apenas não descuidaram das questões de organização, bem como, foram incansáveis nas tarefas de formação dos deportados, quer ensinando as primeiras letras, o idioma internacional esperanto e noções de outras línguas, como ainda foram capazes de encabeçar as fugas mais bem-sucedidas. Atestam ainda vários depoimentos que, no cotidiano da Clevelândia, os anarquistas nunca descuidaram da comunicação com os camaradas de Belém e de outras capitais do Brasil. Iniciativa esta que se mostrou de fundamental complementariedade após a evasão dos internos. No entanto, cinco anarquistas vieram a falecer em consequência de doença, fome e mau trato: Pedro A. Mota, José Maria Fernandes Varela, Nicolau Paradas, José Alves do Nascimento e Nino Martins, este último um militante gaúcho que não conseguiu escapar à prisão no Rio, mesmo depois do auxílio dos anarquistas de Campos dos Goytacazes que o disfarçaram de funcionário dos Correios.

Com a situação já bastante ruim, a chegada de novos contingentes de prisioneiros

piorou ainda mais. Assim, logo no início de janeiro de 1925, praças do Exército e Marinha das revoltas no Pará e Amazonas, somaram ao contingente do ano anterior pouco mais de uma centena de prisionei-



Desterrados na Clevelândia

ros. Em junho deste mesmo ano, chegaria o grupo de soldados presos no cerco de Catanduvas, no Paraná.

O crescimento do grupo ocasiona então a fuga de deportados para a Guiana Francesa. Fato que justificou o aumento da vigilância e o recrudescimento das penas de espancamento. Alguns anarquistas que conseguiram escapar e chegaram a *Saint Georges*, na outra margem do rio Oiapoque, passaram por experiências terríveis, como atesta a correspondência de 2 de fevereiro de 1926, enviada ao militante anarquista Silvério de Araújo: “(...) Quando chegamos em São Jorge, Guiana Francesa, ainda tínhamos alguns recursos mandados por vós. Porém depois de estarmos aqui um mês e tanto os ditos recursos se esgotaram. Ficamos numa situação crítica, não há trabalho. O nosso camarada Pedro A. Mota faleceu aqui a 12 de janeiro devido à falta de medicamento e alimentação como tantos outros têm falecido. (...) Antônio Salgado da Cunha baixou hoje mesmo ao hospital de Caiena em mísero estado com os pés quase podres de bicho, frieira e outras moléstias.” Outros internos que tentaram fugir foram tragados pela densa floresta que cercava a Colônia, ou obrigados a retornar por força das enfermidades que tomavam seus corpos e arrefeciam o espírito de liberdade.

O balanço dos óbitos na Clevelândia seria

feito com o fim do governo de Arthur Bernardes e da censura aos meios de comunicação. A imprensa, as liberdades restabelecidas no novo governo de Washington Luís, e a própria alcunha imposta pelos estudantes a Bernardes de “Presidente Clevelândia”, ensejaram o princípio de um inquérito público que durou todo o ano de 1927. Dos 946 desterrados, segundo os números apresentados pelo próprio governo, 491 sucumbiram às doenças, maus-tratos e trabalhos forçados. O processo da Clevelândia obrigou até mesmo o ex-ministro Miguel Calmon, na tribuna do Senado, em fins de 1927, a fazer uma longa defesa de sua reputação. Também os comunistas, uma vez que não foram penalizados com deportações para o Oiapoque, reconheceram através de seu periódico *A Classe Operária* que: “*vendo a tormenta e não podendo afrontá-la, fizeram como o camelo: meteram o pes-*

coço na areia e deixaram o simum passar... Esconderam-se para continuar o trabalho revolucionário”.

Ainda nos anos de 1930, no governo de Getúlio Vargas, notícias sobre o envio de presos políticos à Clevelândia apareciam em panfletos comunistas. A Colônia Penal de Dois Rios, na Ilha Grande, no Estado do Rio de Janeiro, era chamada, por força da memória, de a “Nova Clevelândia”.

Mesmo após sua morte, em 1955, Arthur Bernardes continuaria associado aos acontecimentos da Clevelândia. Em seu velório, entre tantas outras homenagens, pôde ser observada uma grande coroa de flores com os seguintes dizeres: “*Os sobreviventes da Clevelândia pedem perdão por terem se insurgido contra um governo tão honesto e um presidente tão digno*”. Ironia de um desafeto político, ou uma tentativa de dedicados correligionários em reescrever a história? Difícil afirmar...

Alexandre Samis

Fontes:

SAMIS, A. 1999. **Moral Pública & Martírio Privado**. Achiamé, Rio de Janeiro, 87 pgs.

SAMIS, A. 2002. **Clevelândia: Anarquismo, Sindicalismo e Repressão Policial no Brasil**. Achiamé/Editora Imaginário, Rio de Janeiro, 343 pgs.